

Richard Zimler

Ciência e comunicação (discurso)

Vivemos numa época em que as nossas democracias estão sob ataque de líderes inescrupulosos e ignorantes nos Estados Unidos, no Brasil e em vários outros países. Infelizmente, a própria verdade está também sob ataque desses mesmos políticos, bem como de poderosas empresas de mídia e de verdadeiras fábricas de propaganda, que produzem e distribuem um fluxo constante de notícias falsas e mentiras.

Os milhões de pessoas que apoiam esses líderes e essas agências sinistras desprezam não apenas a ciência, mas todas as formas de conhecimento. Preferem teorias da conspiração lunáticas a pesquisas sólidas. Preferem palpites a evidências e preconceitos ilógicos à razão.

Os seus ídolos – Trump e Bolsonaro, em particular – fazem política com base na sua disposição ou intuição do momento, e não no conhecimento. E usam a linguagem não para manter o público informado, para ajudar os cidadãos a tomarem boas decisões sobre as suas vidas, mas antes para os enganar e manipular.

Por exemplo, Trump sempre afirmou que a mudança climática não existe. “É um embuste”, diz ele, e a sua conselheira sénior para questões ambientais, Kathleen Hartnett-White, considerou as teorias sobre as mudanças climáticas um complô comunista, enquanto aconselhava os americanos a continuarem a usar o máximo possível de combustíveis fósseis.

A resposta de Trump aos fenómenos de ondas de calor e de inundações sem precedentes não foi consultar especialistas, mas sim reduzir drasticamente o orçamento da Agência de Proteção Ambiental, que supervisiona a qualidade do ar, da água e do solo na América.

Qual a área destruída nos últimos incêndios na Califórnia, Oregon e Washington? Uma área quatro vezes maior do que todo o Algarve.

E que disse Trump aos jornalistas e ao público americano? “Vai começar a ficar mais fresco, vão ver.”

A resposta dele às nossas preocupações sobre o novo coronavírus foi semelhante. No final de fevereiro, Trump garantiu ao público americano: “Vai desaparecer. Um dia será como um milagre, vai desaparecer”.

A quem recorre um presidente que despreza a ciência para obter conselhos? A líderes religiosos fundamentalistas, é claro. Quando Trump se reuniu com eles em abril, o que eles recomendaram foi mais orações e uma abertura imediata do país – uma política que Trump e muitos governadores de estado já tinham em mente e que resultou, como era de prever, em números elevados de novos casos de Covid-19 na Florida, Texas e em quase toda a América .

Nessa altura, Trump, como muitos políticos e até mesmo alguns cientistas, fazia tudo para minimizar o perigo da Covid-19, alegando que não era mais do que “uma pequena gripe”. Vocês provavelmente ainda se lembram de Bolsonaro a usar o diminutivo “gripezinha”.

Mas nessa altura, já tínhamos evidências claras em Bérghamo, Nova Iorque e muitos outros sítios de que estes líderes estavam mais uma vez a enganar o público. E agora sabemos que Trump e Bolsonaro estavam desastrosamente errados. Nos últimos 10 anos, a gripe sazonal matou entre 10.000 e 61.000 americanos. Em contrapartida, até ontem, o Covid-19 matou 202.000 americanos. No caso do Brasil, a gripe anual geralmente mata entre 1.000 e 10.000 pessoas. O Covid-19 já matou 134.000. E os números continuam a aumentar perigosamente a cada dia que passa.

Em abril, Trump sugeriu injetar desinfetante nos doentes para matar o vírus porque, dizia ele, “Ele o destrói num só minuto. Um minuto!” Até

julho, Trump recusou-se a usar máscara e fazia troça do rival democrata Joe Biden e de muitos outros políticos e figuras públicas por a usarem.

Infelizmente, Trump também conseguiu converter à sua causa alguns especialistas médicos inescrupulosos. O médico-chefe oficial dos Estados Unidos é o Cirurgião Geral. No final de fevereiro, qual era a sua mensagem para 328 milhões de americanos? Sendo que 32 milhões deles sofrem de diabetes, 37 de doenças pulmonares crônicas e 34 milhões de doenças cardíacas?

“PARE DE COMPRAR MÁSCARAS! Elas NÃO são eficazes na prevenção de propagação do coronavírus ”.

Refiro todas estas barbaridades porque chegamos a um ponto na história da nossa espécie em que precisamos de cientistas corajosos para fazerem ouvir as suas vozes. Precisamos que informem o público e os nossos governos sobre os resultados dos seus estudos. Precisamos que eles utilizem uma linguagem que possamos compreender e que nos digam a verdade – mesmo quando os nossos líderes se recusam a fazê-lo. E mesmo quando não é o que gostaríamos de ouvir.

Se você é cientista, precisamos que fale frontalmente e abertamente quando vir um líder que está a tentar enganar-nos. Precisamos que dê entrevistas na rádio e na televisão e exponha as suas opiniões nos jornais e nas revistas. Porque você é a nossa melhor defesa contra governantes que preferem os seus palpites às evidências. Quem faz política com base na sua boa ou má disposição do dia. Ou com base no que lhes diz o seu padre, rabino ou imã sobre os desejos de Deus para a humanidade.

E precisamos que você se torne eficaz e claro nos seus textos e entrevistas, porque nenhum de nós precisa de uma bola de cristal para saber que outras pandemias nos vão afetar num futuro próximo. Bem como toda uma série de problemas ambientais.

Agora... Como ex-jornalista, gostaria de fazer um breve comentário sobre a melhor forma de comunicar as questões científicas ao público e aos políticos e, em seguida, encerrar com uma breve história.

Uma das primeiras coisas que aprendemos na escola de jornalismo é a nunca escrever uma manchete ou abrir um programa noticioso com uma declaração como: “Cientistas em Portugal desenvolveram um novo medicamento que pode levar à cura do cancro de pulmão”.

Porquê? Os leitores só lêem o que querem. E os ouvintes só ouvem o que querem. Neste caso, a informação que passa para o público é: “Cientistas em Portugal desenvolveram uma cura para o cancro do pulmão”. Eles não se lembram das palavras, “pode levar a”.

Portanto, se é virólogo ou epidemiologista ou especialista em política de ciência e se vai falar sobre questões científicas como o Covid-19 – e espero que o faça – tem de aprender a tornar as suas afirmações bastante modestas. E evitar qualquer exagero.

Isso nunca é fácil. Em parte porque os jornalistas querem certezas. Eles querem que digamos: "Eu sei" ou "Tenho certeza" ou "É absolutamente verdade que ..." E por isso, você terá que resistir a essa tentação e insistir em expressar probabilidades e possibilidades em vez de certezas. E de admitir qualquer dúvida que tenha. A menos que realmente você esteja completamente certo do que afirma. O que me leva à minha breve história:

Quantos de vocês já ouviram falar de um investigador da área do cancro chamado Peter Duesberg?

Na década de 1970, ele foi aclamado pelas seus artigos científicos e tornou-se professor na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Em 1996, ganhou notoriedade mundial ao escrever um livro em que proclamou que o retrovírus que causa a Sida era inofensivo. O título provocador era: “Inventando o vírus da Sida”

Duesberg afirmava nesse livro que a Sida não era causada por nenhum vírus, mas sim por drogas recreativas e farmacêuticas. Ainda mais escandaloso, ele afirmava que em África a própria doença era uma farsa completa. A Sida lá não existia e era uma condição causada por drogas, desnutrição, água não potável e certas infeções comuns naquele continente.

Logo nos anos que se seguiram os dados de Duesberg foram analisados e completamente desacreditados por muitos outros cientistas. Já em 1996, quando o livro foi publicado, havia provas absolutamente irrefutáveis de que duas estirpes do vírus HIV causavam a Sida – em africanos como em todos os demais.

Apesar da sua metodologia se revelar como sendo fraudulenta, Duesberg insistiu que a sua teoria estava correta. Alegava que era vítima de uma conspiração.

Nada disso teria qualquer importância especial, se não fosse o facto de em 2000 o então presidente sul-africano Thabo Mbeki ter convidado Duesberg para participar num painel de especialistas para decidir a política da África do Sul em relação à Sida. As recomendações de Duesberg foram aí amplamente aceites. Como resultado disso, os medicamentos anti-retrovirais não foram dados aos pacientes com HIV. E o ministério da saúde do governo decidiu não investir na importação ou fabricação desses medicamentos.

Quantas pessoas morreram como resultado?

Dois estudos independentes realizados nos anos seguintes concluíram que as políticas defendidas por Duesberg e postas em prática por Mbeki foram responsáveis por mais de 330.000 mortes.

Será que algum outro cientista dos últimos 50 ou 100 anos criou mais sofrimento? Como é que qualquer um de nós se sentiria se o nosso pai ou mãe ou filho ou filha não recebesse medicamentos anti-retrovirais e

falecesse em consequência disso por causa de um cientista arrogante do outro lado do mundo?

Cito este exemplo da influência catastrófica de Duesberg porque penso que é o mais vivo exemplo que conheço daquilo que nunca devemos fazer ao falar de questões científicas ou ao definir políticas de saúde.